

INVESTIGANDO INTERSEMIOTICIDADES EM INQUÉRITO POLICIAL: FAMÍLIA TOBIAS¹

INVESTIGATING INTERSEMIOTICITIES IN INQUÉRITO POLICIAL: FAMÍLIA TOBIAS

Marc Barreto Bogo²

Resumo: *O fenômeno da intersemiotividade vem sendo investigado intermitentemente pelos pesquisadores da Semiótica Discursiva desde os anos 1970. Mais recentemente, ele parece ter ganhado relevância especial para a área da Comunicação, haja vista as diversas manifestações midiáticas do século XXI que se constroem justamente através de relações entre linguagens. Este artigo propõe uma análise das intersemiotividades presentes em um objeto literário contemporâneo, a obra Inquérito Policial: Família Tobias, de Ricardo Lísias, que tem seu sentido construído por meio de relações com uma série de e-books, com um conjunto de discursos midiáticos e com a documentação investigativa. Nosso problema de pesquisa é: como se relacionam as diferentes linguagens de Inquérito Policial: Família Tobias entre si e com as demais manifestações nas quais a obra se apoia? Para tratarmos de linguagens e de produção de sentido, partimos da teoria semiótica desenvolvida por A. J. Greimas e seus colaboradores.*

Palavras-Chave: *Intersemiotividade. Inquérito Policial: Família Tobias. Objeto literário.*

Abstract: *The phenomenon of intersemioticity has been investigated intermittently by researchers in Discursive Semiotics since the 1970s. Recently, the concept appears to have become very relevant for the Communication field, especially considering the various media manifestations of the 21st century that are built precisely through relations between languages. This article proposes an analysis of the intersemioticities present in a contemporary literary object, the book Inquérito Policial: Família Tobias, by Ricardo Lísias, which holds a signification built through relations with a series of e-books, with a group of media discourses and with investigative documentation. Our research problem is: how do the different languages in Inquérito Policial: Família Tobias relate to each other and to the various manifestations on which this work is based? In order to investigate languages and meaning making processes, we rely on the semiotic theory developed by A. J. Greimas and his collaborators.*

Keywords: *Intersemioticity. Inquérito Policial: Família Tobias. Literary object.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Práticas Interacionais, Linguagens e Produção de Sentido do XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020.

² Doutorando PUC-SP: COS/CPS (Brasil) e UNILIM: CeReS (França), Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), e-mail: marcbbogo@gmail.com.

1. Introdução: a obra de Ricardo Lísias

Inquérito policial: Família Tobias, publicação da editora brasileira Lote 42 do ano de 2016, tem em sua criação uma história *sui generis*. A obra do escritor paulistano Ricardo Lísias surgiu a partir de um processo de trânsito entre mídias e linguagens diferentes e, especialmente, em decorrência de um fato inusitado que ocorreu com o autor. Vejamos como se deu essa história. A publicação anterior de Lísias havia sido *Delegado Tobias*, uma série de e-books em formato de folhetim que contava a história de uma investigação policial meta-discursiva: o “morto” na trama era o próprio autor. Esses e-books eram construídos na forma de colagem de fragmentos verbais, imagens e documentos de ordens diversas – tudo se passava dentro do âmbito da ficção, é claro. O fato surpreendente foi que, logo após a publicação da série, Ricardo Lísias foi denunciado por “falsificação de documento público”, justamente devido a um desses documentos ficcionais – uma liminar que, supostamente, proibia a circulação de um livro. No entanto, após a denúncia, o autor teve que efetivamente prestar depoimento na Polícia Federal e o caso insólito foi bastante midiaticizado³.

Inquérito Policial: Família Tobias é um desdobramento desses eventos. Embora seja uma obra ficcional, ela imagina o encerramento de um inquérito policial em que Ricardo Lísias pedia a abertura de uma investigação contra seus acusadores, aqueles que o haviam falsamente denunciado à polícia (na ficção, os acusadores eram os próprios editores da Lote 42, casa editorial que publica a obra; fora da ficção, permanece o suspense).

A narrativa de Ricardo Lísias, que se inicia com uma série de e-books, torna-se uma narrativa desenrolada no discurso midiático e, em seguida, dá origem a um objeto literário impresso. Esse modo de conceber uma obra literária a partir das passagens e entrecruzamentos entre linguagens parece estar muito ligada a uma questão marcante da contemporaneidade, que é a do consumo midiático dado na forma de trânsito entre várias semióticas ou linguagens. Em um portal de notícias, por exemplo, tem-se ao mesmo tempo o verbal, o fotográfico, o audiovisual, a infografia interativa etc., em um encadeamento de um sistema a outro. O que nos parece é que o hábito de ler intersemioticamente em diversas mídias tem exercido um impacto nos leitores e nos criadores, tendo-os incitado a partir em busca de objetos intersemióticos também para suas práticas de leitura e de criação literária.

³ Podemos citar, a título de exemplificação, a matéria do *Estadão* “Livro de Ricardo Lísias leva à instauração de inquérito na Polícia Federal por falsificação de documento”, do dia 11 de setembro de 2015.

O projeto gráfico de *Inquérito Policial: Família Tobias*, desenvolvido pelo designer gráfico Gustavo Piqueira, também articula várias linguagens em uma só totalidade de sentido (fig. 1). A plástica do livro toma como ponto de partida a estética e o formato de um inquérito policial, reunindo “provas” e documentos variados que são agrupados em uma pasta e fixados por um grampo metálico. O livro apresenta algumas particularidades em relação à produção gráfica usual, a começar pelos cadernos do miolo que exibem formatos diferentes. Embora o material de todos seja o mesmo (papel pólen), cada caderno tem dimensões diferentes, que ajudam inclusive a diferenciar os programas narrativos diversos: enquanto o formato maior é utilizado para os documentos que abrem e que encerram o inquérito, outros três formatos distintos englobam a documentação relativa a três personagens da trama, João Tobias, Fernando Tobias e Mariana Tobias, os três sobrinhos do dito “delegado Tobias”.

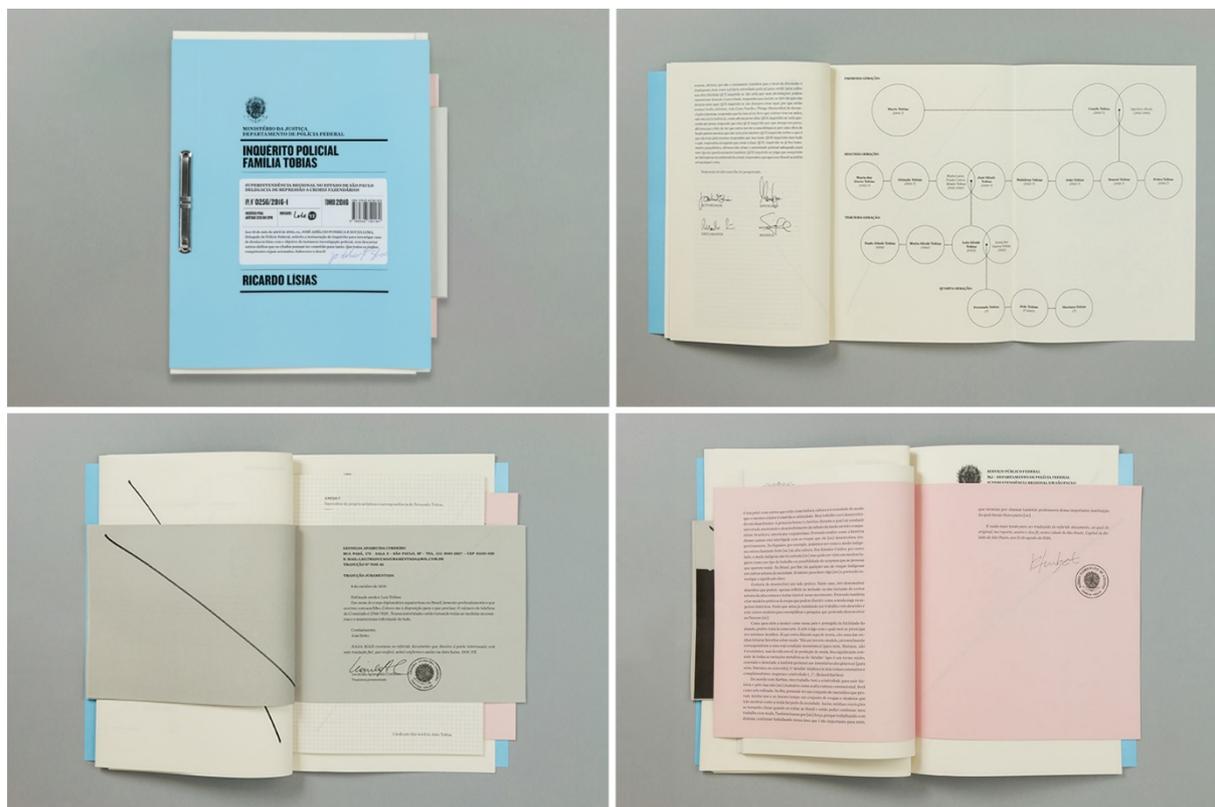


FIGURA 1 – Capa e algumas páginas de *Inquérito Policial: Família Tobias*.
 FONTE – LOTE 42, 2016.

Temos na publicação impressa tanto relações entre as semióticas que o compõem (semiótica espacial do volume, semiótica visual gráfica da impressão e semiótica verbal escrita) quanto uma relação de intersemioticidade com o sistema sincrético da documentação

oficial. A linguagem dos documentos oficiais deve apresentar, para que eles sejam válidos, uma série de elementos que são não apenas verbais, mas também visuais e espaciais: brasões, selos, carimbos, assinaturas, formatos e cores específicos. A obra de Lísias se constrói justamente a partir das relações entre essas diferentes linguagens, e são essas relações que pretendemos analisar neste artigo.

Desse modo, perguntamo-nos: como se constroem as relações de intersemiotividade (ou seja, entre linguagens) nos diferentes sistemas de *Inquérito Policial: Família Tobias* e entre as demais manifestações em que a obra se apoia?

Como tratamos de produção de sentido em práticas editoriais e midiáticas, justifica-se o uso de uma teoria da significação: a Semiótica, tal qual desenvolvida por A. J. Greimas e seus colaboradores. Visando compreender como se organizam as relações intersemióticas construídas no livro, inicialmente recorreremos aos conceitos de “linguagem” e “semiótica”, conforme elaborados por Greimas e Courtés, assim como recorreremos às diversas formulações de intersemiotividade e de sincretismo de linguagens elaboradas por Eric Landowski, Ana Claudia de Oliveira, Jean-Marie Floch, Sémir Badir, Julio Plaza, entre outros.

2. Linguagem, semiótica e intersemiotividade

O fenômeno da intersemiotividade vem sendo investigado intermitentemente pelos pesquisadores da Semiótica Discursiva desde os anos 1970. Mais recentemente, ele parece ter ganhado relevância especial para a área da Comunicação, haja vista as diversas manifestações midiáticas do século XXI que se constroem justamente através de relações entre linguagens. É sobre essa leitura articuladora dos sentidos dados conjuntamente em mídias diversas que trata Kati Caetano, quando aborda o consumo midiático contemporâneo:

Assiste-se à emergência de um leitor-espectador multimidiático, ainda que não sendo um usuário da web, assim como a configuração de um macrodiscurso midiático que se plasma sob a forma de uma grande fotocoloragem da vida social cotidiana. Esse fenômeno implica que os intervalos entre a recepção de um fato pelo jornal, pela TV, pela web, pelo rádio, por uma revista, são espaços-tempos semantizados que estabelecem formas de contágio entre os veículos de comunicação. (CAETANO, 2009, p. 250).

Acrescentaríamos que, no campo da literatura, também há autores e editoras que buscam explorar as potencialidades das várias linguagens das mídias atuais, da internet e das novas

tecnologias, partindo desse cenário multimidiático para repensar as relações entre a forma do livro e outros sistemas semióticos. Como lidar então, do ponto de vista teórico, com essa multiplicidade de linguagens?

Considerando que o termo “intersemiotividade” recobre as relações entre semióticas, vejamos como o conceito de “linguagem” deu lugar ao conceito de “semiótica” e, a partir daí, possibilitou o estudo das relações intersemióticas. Para isso, apoiamos-nos nas definições formuladas pelo grupo de pesquisas semio-linguísticas de A. J. Greimas.

Segundo o verbete do primeiro volume do *Dicionário de Semiótica*, “linguagem” é um objeto do saber visado pela teoria semiótica que não é definível em si mesmo, mas apenas em função dos métodos e dos procedimentos que permitem sua análise. Eis sua primeira definição apresentada:

O menos comprometedor é talvez substituir o termo *linguagem* pela expressão *conjunto significante*. Partindo do conceito intuitivo de universo semântico, considerado como o mundo apreensível na sua significação, anteriormente a qualquer análise, tem-se o direito de estabelecer a articulação desse universo em conjuntos significantes ou linguagens, que se justapõem ou se superpõem uns aos outros. (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 290).

Ao definir as linguagens como “conjuntos significantes”, Greimas e Courtés adotam um enfoque bastante amplo. A partir dessa simples constatação, entendemos que as manifestações do mundo são construídas a partir das possibilidades ofertadas por cada um desses “conjuntos significantes”. O conjunto da linguagem verbal, por exemplo, é composto pelos vocábulos que cada idioma apresenta; o conjunto da linguagem pictórica é constituído pelos elementos visuais básicos, pelas cores e suas combinações possíveis; e assim por diante.

Greimas e Courtés (2011) tratam ainda de estabelecer alguns critérios ou pré-requisitos para que um conjunto significante seja considerado linguagem, indicando que eles devem ser (I) biplanares e (II) articulados. Ser “biplanar”, nesse caso, assinala que uma linguagem deve ser dotada de um plano da expressão e de um plano do conteúdo, sendo que cada elemento do plano da expressão deve corresponder a um ou mais elementos do plano do conteúdo. Já a “articulação” aponta que, em uma linguagem, os elementos são organizados a partir de uma certa lógica interna, construindo sentidos.

Essa definição ampla de “linguagem” dá origem a uma outra definição, com muito mais precisão teórica, que é o próprio conceito de “semiótica”. O verbete “semiótica” do *Dicionário*

de Greimas e Courtés (2011) apresenta três definições sucessivas do termo. De um lado, em uma primeira definição, as semióticas-objeto são manifestações observáveis do mundo, conjuntos significantes que pretendemos conhecer melhor. De outro lado, em outra definição do termo, a Semiótica é apresentada como uma teoria, como o conjunto dos meios que possibilitam o conhecimento das grandezas do mundo que pretendemos analisar. Entre um lado e outro, no encontro dos dois, temos a seguinte definição: a semiótica enquanto um objeto de conhecimento, como um projeto de descrição e análise de determinada grandeza a ser analisada. A semiótica é considerada, assim, como um conjunto significativo, não simplesmente do modo como ele se manifesta observável no mundo, mas já semiotizado com o auxílio de uma teoria; ou seja, é o local de encontro entre os objetos empíricos do mundo e a abordagem teórica que permite analisa-los. Ou ainda: “não se pode falar de semiótica, a não ser quando existe encontro entre a semiótica-objeto e a teoria semiótica que a apreende, enforma e articula.” (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 450).

É esse sentido de “semiótica” que adotamos quando falamos de semiótica verbal, semiótica espacial, semiótica pictórica, gráfica, fotográfica etc. O verbete do *Dicionário de Semiótica* complementa a definição:

Pondo-nos do lado da tradição de L. Hjelmslev, que foi o primeiro a propor uma teoria semiótica coerente, podemos aceitar a definição que ele oferece da semiótica: ele a considera uma hierarquia (isto é, como uma rede de relações, hierarquicamente organizada) dotada de um duplo modo de existência, a paradigmática e a sintagmática (apreensível, portanto, como uma sistema ou como processo semiótico), e provida de pelo menos dois planos de articulação – expressão e conteúdo –, cuja reunião constitui a semiose. (GREIMAS E COURTÉS, 2011, p. 450).

Em suma: uma semiótica é um conjunto significativo, hierarquicamente organizado, dotado de um duplo modo de existência, paradigmático e sintagmático, e provido de dois planos de articulação, o plano da expressão e o plano do conteúdo. Quando tratamos aqui de relações intersemióticas, tratamos portanto de relações entre semióticas, assim entendidas.

O conceito de intersemiotividade, no âmbito da Semiótica Discursiva, foi primeiramente desenvolvido para tentar dar conta das operações de tradução entre a semiótica do mundo natural, que acessamos por meio de nossa percepção, e as semióticas feitas pelos humanos que recriam esse mundo percebido em mundos de linguagem. O termo não aparece no primeiro *Dicionário de Semiótica*, porém há uma entrada chamada “intersemiotividade” no segundo volume do dicionário. O verbete diz:

Recobrando e ampliando o conceito de intertextualidade, sem contradizê-lo, o de intersemiotividade impõe-se, na teoria semiótica, em nome do respeito pelo princípio da imanência. Sua construção foi possível pela distinção entre os dois tipos de macrossemióticas que são as semióticas do mundo natural, de um lado, e as línguas naturais, de outro. Ao invés de conceber os discursos em línguas naturais como diretamente envolvidos com o real e refletindo-o, consideramos que os discursos significantes apenas assumem a realidade extralinguística que os serve de referência através da mediação de grades de leitura (ou semióticas do mundo natural) tendo como efeito preliminar instaurar o universo circundante em universo significante. (LANDOWSKI, 1986, p. 119. Tradução nossa).

Inicialmente, portanto, a intersemiotividade foi compreendida como a relação entre o mundo natural e os mundos de linguagem, o que nos ajuda a compreender fenômenos como o da figuratividade, por exemplo. Ao tratar de figuratividade, Greimas (2004) aponta que os traços sensíveis do mundo percebido podem ser recriados com maior ou menor semelhança em diferentes semióticas, resultando em manifestações mais icônicas ou mais abstratas.

Entretanto, nada nos impede de compreender a intersemiotividade como uma relação encontrada não apenas entre a semiótica do mundo natural e as semióticas feitas pelos humanos, mas sim como uma relação entre linguagens, no geral. Isto é, encarar a intersemiotividade simplesmente como uma relação entre linguagens, em sentido amplo, sejam elas naturais ou criadas pelo homem.

Essa abordagem alargada do conceito é adotada por diversos pesquisadores, de várias linhas teóricas. Por exemplo, na abordagem semiótica de linha norte-americana, a intersemiotividade vem sendo estudada sobretudo como uma forma de tradução, ou seja, como uma passagem entre um sistema semiótico e outro. Julio Plaza (1987) desenvolveu um longo estudo sobre a tradução intersemiótica, retomando a definição inicial dada por Jakobson do conceito como um tipo de tradução de signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais, ou ainda de um sistema de signos para outro, e ampliando-a a partir de um referencial teórico da Semiótica de Peirce. Em sua obra, Plaza (1987) aborda a tradução intersemiótica como uma forma de prática artística, o que acaba se refletindo também em sua própria atuação como artista plástico e poeta. Na esteira de Julio Plaza, os pesquisadores da tradução intersemiótica vêm tratando da transposição ou adaptação de obras da literatura para o cinema, da música para a pintura, dos quadrinhos para a televisão etc.

De volta ao marco da Semiótica de Greimas, vemos que também nessa linha teórica várias análises foram empreendidas comparando objetos manifestados em uma dada semiótica

a objetos constituídos em outra semiótica, contribuindo assim para um estudo das passagens, adaptações ou transposições entre semióticas. Uma manifestação de dada linguagem é reescrita em outra e, assim, torna-se objeto de estudo: do verbal escrito para o pictórico, do pictórico para o fotográfico, do verbal escrito para o audiovisual etc.⁴ Sémir Badir (2013) aponta que a maior parte dos estudos sobre as relações intersemióticas voltam-se, mais do que para a teorização da relação em si, para a comparação de objetos semióticos que julgamos heterogêneos e exemplifica essa abordagem com os numerosos estudos sobre adaptações de romances para o cinema.

Para além das traduções e adaptações, pensamos que o termo “relação” é muito amplo e poderia incluir manifestações em que diferentes semióticas são conjugadas, de múltiplas formas. Os objetos construídos a partir das inter-relações entre linguagens diversas apresentam assim uma estética própria, rearranjando plasticamente as várias semióticas postas em relação. Nessa abordagem, Ana Claudia de Oliveira, por exemplo, trata as criações de *street art* de Alexandre Orion como uma “estética intersemiótica”, em que as linguagens em articulação explicitam o “funcionamento das várias semióticas convocadas na configuração da obra” (OLIVEIRA, 2018, p. 338). Da mesma maneira, podemos dizer que *Inquérito Policial: Família Tobias* é marcado pela articulação de várias linguagens que convocam os sentidos do leitor, construindo uma estética intersemiótica no domínio da literatura.

Duas compreensões de “intersemiótica” são assim desenhadas: de um lado, temos as relações intersemióticas encontradas entre unidades de manifestação diferentes, ou seja, entre “objetos” diferentes; de outro lado, temos as relações entre semióticas localizadas no interior de uma mesma unidade de manifestação, ou seja, em um mesmo “objeto”. Chamaremos essas duas maneiras de compreender as relações entre linguagens como relações intersemióticas discretizadas (ou seja, entre manifestações distintas) ou sincretizadas (localizadas no interior de uma mesma unidade de manifestação). Esses dois modos originam uma primeira oposição semântica que categoriza os tipos de intersemiotividade:

Relações intersemióticas discretizadas vs. Relações intersemióticas sincretizadas

As primeiras relações vem sendo estudadas como “traduções intersemióticas” ou como “adaptações” entre uma mídia e outra. É o caso da maior parte dos objetos analisados por Plaza (1987), em que uma manifestação de certa semiótica é “traduzida” em outra semiótica: por

⁴ Um comentário sobre alguns desses estudos e uma breve apresentação da problemática geral das traduções intersemióticas pode ser encontrado em Mancini (2018).

exemplo, um poema escrito é traduzido em poema visual, ou um haicai é traduzido em videoarte. Nessas relações discretizadas, identificam-se unidades de manifestação diferentes, como no caso dos vários estudos de romances adaptados para o cinema que mencionava Badir (2013). Ou ainda no caso das apropriações da linguagem pictórica feitas pela fotografia contemporânea, como analisadas por Bracchi (2011).

No entanto, outro caminho teórico (talvez menos explorado) é o de investigar as relações entre semióticas dadas no interior de uma mesma unidade de manifestação, ou seja, relações sincretizadas. Julio Plaza (1987) chama essas relações de traduções intersemióticas “intracódigo”, analisando, por exemplo, a relação entre imagem e ritmo no filme *O Encouraçado Potemkin*. Essas manifestações que articulam várias linguagens são chamadas por Sémir Badir de “polissemióticas”: “Uma polissemiótica é uma hierarquia que põe em relação os planos da expressão de análises paradigmáticas ligadas a um mesmo objeto semiótico. Por exemplo, um filme.” (BADIR, 2013, p. 7. Tradução nossa). Ana Claudia de Oliveira analisa as relações entre linguagens em uma mesma manifestação artística no caso das obras de Alexandre Orion, o que ela considera construir uma estética intersemiótica.

No geral, essas relações entre linguagens presentes em uma mesma unidade de manifestação já vêm sendo analisadas nos estudos das semióticas sincréticas, levados a cabo pelos pesquisadores da Semiótica Discursiva. As semióticas sincréticas são caracterizadas pelo emprego de várias linguagens de manifestação, como os quadrinhos, a ópera, os programas de televisão etc. Nesses objetos, uma linguagem de manifestação atua com e sobre as outras, como afirma Oliveira: “Os usos de sistemas em um objeto sincrético estabelecem, pois, novas correlações intersistêmicas. Cada sistema para atuar em correlação presencial sofre coerções de um sobre o outro, além das coerções que lhe são próprias e é preciso inventariar essas coerções [...]” (OLIVEIRA, 2009, p. 82). Como exemplo de análise de um objeto de linguagem sincrética, podemos citar o estudo de Jean-Marie Floch (2009) das relações entre a dimensão visual e a dimensão linguística em um anúncio publicitário de cigarros. O que propomos aqui é incluir essa problemática do sincretismo como parte de uma investigação mais ampla, a das intersemióticas no geral.

Seguindo essa proposta, vamos tratar primeiramente das passagens entre as semióticas de manifestações discretizadas que encontramos em *Inquérito Policial: Família Tobias*, ou seja, as passagens entre a série de e-books *Delegado Tobias*, o conjunto de discursos midiáticos, a documentação investigativa e o referido objeto literário que constitui nosso

corpus. Em seguida, analisaremos as relações entre as semióticas espacial, visual gráfica e verbal escrita que são sincretizadas no livro de Ricardo Lísias.

3. Entre as distintas manifestações, a intersemiotividade discretizada

A série de e-books *Delegado Tobias* apresenta como trama uma espécie de investigação policial metaficcional, dividida em cinco volumes e considerada por seu autor como um “e-folhetim” (fig. 2). O primeiro volume, “O assassinato do autor”, começa com um recorte de jornal que nos anuncia: “O escritor Ricardo Lísias é encontrado [morto]”. O destinador-autor, assim, é transformado em ator do nível discursivo da obra já na primeira página. Quando o corpo inerte do escritor é encontrado em um apart-hotel, o delegado Paulo Tobias (esse, um personagem completamente ficcional) é convocado para investigar o caso. As etapas sucessivas da investigação são contadas por meio de uma colagem de fragmentos supostamente jornalísticos, diálogos irônicos entre uma dupla de detentos, trocas de e-mails, documentos policiais de diversas ordens etc. O principal suspeito de ter assassinado Lísias é um personagem também chamado “Ricardo Lísias”, o que convoca a dinâmica entre o escritor-destinador da obra e o escritor-personagem da narrativa para o interior da própria trama.

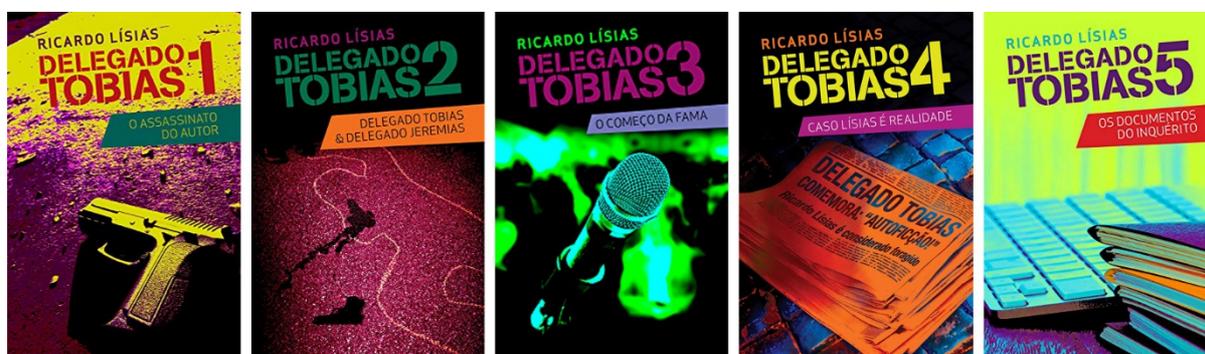


FIGURA 2 – Capas dos cinco volumes de *Delegado Tobias*.

FONTE – Amazon.com.

A investigação continua ao longo dos volumes seguintes, inserindo como personagens da obra editores, autores e críticos conhecidos tais quais Leyla Perrone-Moisés, Fábio de Souza Andrade, Julián Fuks e Lourenço Mutarelli. Em certo ponto da trama, o delegado Paulo Tobias entra em conflito com o personagem de Ricardo Lísias, que se apresenta como autor do e-book e, nessa condição de escritor-criador todo-poderoso, teria inventado o personagem do delegado

e possuiria igualmente o poder para acabar com sua existência, se assim o desejasse. Após a disputa entre ambos, Ricardo Lísias (o personagem) é acusado de “tentar obstruir o trabalho da polícia ao ameaçar encerrar a redação do e-book”. Com a continuidade da história ameaçada, o quarto volume (“Caso Lísias é realidade”) é distribuído com suas páginas digitais totalmente em branco. No último volume (“Os documentos do inquérito”), uma nota introdutória esclarece parte do processo de escrita da obra:

Depois que a primeira das quatro partes do e-folhetim *Delegado Tobias* foi lançada, iniciamos uma espécie de extensão do texto em uma rede social. Um perfil do delegado foi criado no Facebook enquanto eu e os editores, nas próprias páginas pessoais, lançávamos um material que dialogava com o e-book. Eram notícias falsas em recortes de jornal e revista, cartazes e inclusive a simulação de peças jurídicas de um hipotético processo que a personagem teria iniciado para proibir o e-book. [...] O auge sem dúvida se deu com a divulgação de uma decisão jurídica falsa que teria proibido a continuidade do e-folhetim. (LÍSIAS, 2014).

Essa decisão jurídica falsa circulou portanto inicialmente no Facebook e, em seguida, foi incluída no próprio e-book, em seu último volume. A plasticidade do documento simula uma decisão jurídica oficial, com a presença de elementos como brasão, cabeçalho e assinatura (fig. 3). Como se sabe, o autor de carne e osso foi anonimamente denunciado por falsificação de documentos a partir da divulgação dessa imagem, o que originou a abertura de uma investigação policial, fazendo com que a história se desenrolasse na imprensa em diversos suportes, alcançando grande visibilidade midiática.

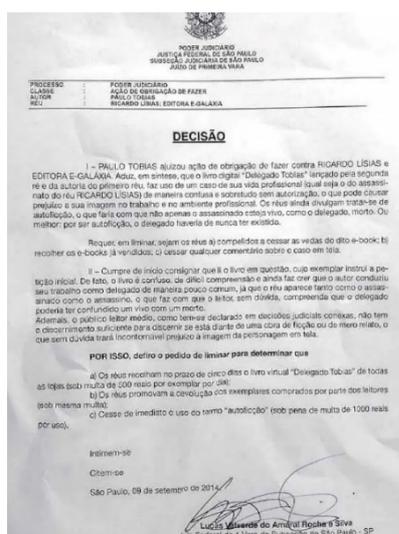


FIGURA 3 – A falsa decisão judicial que levou seu autor a ser investigado.
 FONTE – LÍSIAS, 2014.

Foram vários os veículos que publicaram matérias sobre o caso: *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Época*, *O Tempo*, *Suplemento Pernambuco*, *Página Cinco (UOL)*, *Select*, *Publish News*, *Literatura Policial*, *Capítulo Dois*, *Jornal de Piracicaba*, *Idea Fixa*⁵. Vejamos um fragmento de uma dessas notícias, que explica a instauração do inquérito e o consecutivo depoimento prestado pelo autor:

No primeiro dos cinco volumes publicados em e-book, acompanhamos o delegado Tobias nas investigações da morte de Ricardo Lísias. Diversas pessoas do meio literário e acadêmico apareciam na obra – e misturar realidade e ficção tem sido uma das marcas da literatura de Lísias. Houve um certo mal-estar na época, embora ele diga que não, mas não foi por isso que o autor foi intimado a depor. Em um dos livros, há a reprodução de um agravo de instrumento, escrito nos moldes de um documento oficial, que determinava o recolhimento e proibição da venda de *Delegado Tobias*, além de banir o uso do termo ‘autoficção’. Um ano e três denúncias depois, foi então instaurado um inquérito para que Ricardo Lísias respondesse por falsificação e uso público de documento. Em outubro do ano passado, ele foi à Polícia Federal se defender e explicar que a palavra falsificação não tem lógica no campo da arte. (RODRIGUES, 2016).

A estrutura de todas as matérias publicadas sobre o caso é parecida: elas começam apontando o inusitado da situação, relatam os fatos (denúncia, abertura de inquérito, intimação policial e depoimento) e, em seguida, anunciam o lançamento da obra impressa *Inquérito Policial*, preparada pela editora Lote 42, bem como as apresentações de uma peça de teatro que Ricardo Lísias estava elaborando sobre a mesma situação, chamada *Vou, com meu advogado, depor sobre o delegado Tobias*⁶. Vemos, assim, uma narrativa que é apresentada difusamente por meio do discurso jornalístico em diversos jornais, revistas e portais de notícias. Ao chegar à obra impressa *Inquérito Policial: Família Tobias*, o leitor provavelmente já ficou conhecendo essa narrativa, seja por acompanhar o trabalho do autor, seja por ter lido as notícias presentes no site da editora e em seu *e-commerce*.

A narrativa que se desenvolve em uma multiplicidade de suportes midiáticos é retomada já na capa do livro físico publicado pela Lote 42. Em um adesivo ali posto, a seguinte mensagem está impressa:

⁵ Essa listagem é apresentada no *hotsite* do livro *Inquérito Policial: Família Tobias*, preparado pela editora Lote 42 (2016).

⁶ Peça dirigida por Alexandre Dal Farra e Janaína Leite, apresentada no Sesc Ipiranga, em São Paulo, em 2016. Na peça, Ricardo Lísias interpreta a si mesmo.

Aos 18 do mês de abril de 2016, eu, JOSÉ ADÉLCIO FONSECA E SOUZA LIMA, Delegado de Polícia Federal, solicito a instauração de Inquérito para investigar caso de denúncia falsa com o objetivo de instaurar investigação policial, sem descartar outros delitos que os citados possam ter cometido para tanto. Que todos os órgãos competentes sejam acionados. (LÍSIAS, 2016).

Ora, a “denúncia falsa” a que se refere o personagem do delegado da Polícia Federal é justamente aquela que sofreu em realidade o autor Ricardo Lísias, cujo desenvolvimento o leitor provavelmente acompanhou pelos discursos midiáticos. Assim, o principal programa narrativo do livro, ou seja, a abertura do inquérito e realização da investigação, tem como estopim um fato apresentado nas mídias e que se desenrolou na sociedade, fora do âmbito da ficção. Isto é, a ação que faz o sujeito delegado de polícia, na história, dever abrir o inquérito policial para alcançar seus objetos de valor (verdade e justiça) é justamente a denúncia falsa que havia sofrido Lísias. Os fatos jornalísticos que acompanhamos por meio da mídia são assumidos na obra como etapa inicial do programa narrativo de base de *Inquérito Policial: Família Tobias*, logo em sua capa e primeiras páginas.

A principal relação intersemiótica que encontramos entre a narrativa midiática e o livro publicado pela editora Lote 42 é a de incorporação de um programa narrativo de uma mídia (jornais, revistas e portais eletrônicos) diretamente em outra (livro impresso). Trata-se de um elemento do nível narrativo de uma manifestação que é incorporado diretamente no nível narrativo de outra, sendo que essas manifestações são constituídas por semióticas distintas. Da mesma forma, um ator do nível discursivo criado no e-book *Delegado Tobias* (a saber, o próprio personagem do delegado Paulo Tobias) é incorporado no discurso de *Inquérito Policial: Família Tobias*, ainda que as semióticas verbovisual do e-book e verbovisual-espacial do livro impresso pertençam a diferentes ordens. As diferenças de expressão são, nesse caso, neutralizadas (o que é um fenômeno que também observamos nas linguagens sincréticas).

Por fim, o livro apresenta um outro tipo de relação intersemiótica entre manifestações distintas: aquela que se dá entre a publicação literária e a documentação oficial de um processo investigativo. Como havíamos dito, o projeto gráfico de *Inquérito Policial: Família Tobias* simula um dossiê de documentos, dada sua configuração formal: o livro é composto de vários cadernos sobrepostos que possuem cores e formatos diferentes, os quais são mantidos juntos em uma pasta rígida com o uso de uma presilha metálica. O livro ainda apresenta, em sua visualidade, uma série de elementos gráficos como assinaturas, brasões e adesivos que conferem um “fazer crer” aos documentos ali presentes, legitimando-os da mesma maneira

como imaginamos legitimarem os documentos de um autêntico inquérito policial. Assim, o livro impresso assemelha-se a um dossiê de documentos: se não a um verdadeiro inquérito, ao menos àquele que figurativamente imaginamos (fig. 4).



FIGURA 4 – Comparação entre uma pilha de exemplares de *Inquérito Policial: Família Tobias* e uma pilha de documentos de inquérito policial.

FONTE – Banca Tatuí; Portal Jurisprudência.

Podemos compreender essa semelhança entre os objetos como fruto do fenômeno do “contágio” ou “apropriação” de linguagens, o que faz com que as características do plano da expressão dos documentos oficiais determine certas características do plano da expressão do livro de Lísias, em um processo de imitação ou mimesis.

Vistas as passagens e relações entre as semióticas da série de e-books, do discurso midiático, dos documentos oficiais e da publicação impressa, vejamos, a seguir, como as semióticas articulam-se entre si no interior desse objeto literário.

4. Na manifestação, as linguagens sincretizadas

Na estrutura do objeto literário analisado entram em relação as semióticas espacial, visual gráfica e verbal escrita. Inicialmente, observamos que o próprio volume já é significativo, pois sua forma tridimensional produz sentidos no ato da leitura; esse volume é constituído pela pasta do dossiê, por sua presilha metálica e pelo conjunto de papéis ali afixados. Na espacialidade, são articuladas as outras semióticas: tanto a visual gráfica que, por meio dos seus processos gráficos, determina a visualidade de cada uma das superfícies do objeto, quanto a semiótica verbal escrita que é impressa nas páginas da obra.

Assim, a começar pela espacialidade, vemos que *Inquérito Policial: Família Tobias* assume uma forma bastante diversa da estrutura tradicional do livro. A figuratividade é a de uma pasta de documentos, marcada pelo acúmulo de papéis, que apresentam inclusive formatos diversos (fig. 5); a figura do “livro” como imaginamos praticamente desaparece. No seu plano da expressão, a semiótica espacial da obra articula um forte contraste do tipo fora *versus* dentro, com os materiais rígidos, frios e brilhosos externos (pasta e grampo metálico) contrastando com o material flexível, quente e fosco interior (papel pólen). As diferenças de dimensões nas superfícies de cada conjunto de folhas indicam a profundidade do objeto, ainda que o volume total seja pouco espesso; essas diferenças marcam uma descontinuidade (*versus* continuidade) nas dimensões das páginas do livro.

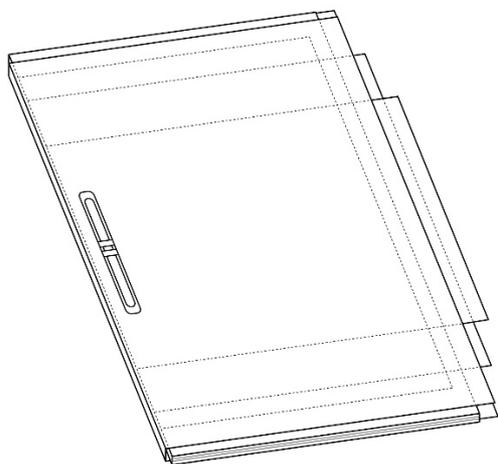


FIGURA 5 – Esquema da espacialidade de *Inquérito Policial: Família Tobias*.
FONTE – O AUTOR.

A semiótica espacial dessa obra marca no nível discursivo do plano do conteúdo uma aspectualidade durativa, ou seja, a obra é apresentada como um documento em vias de se construir, já que sempre é possível abrir o fecho metálico para acrescentar ou reordenar as superfícies. O inquérito se processa na duratividade. No nível narrativo, o que a espacialidade nos conta é o programa de um investigador ou administrador que junta documentos para concluir um procedimento burocrático, chegando assim a uma solução para o processo.

Nessa espacialidade do objeto, estão impresso os elementos visuais da obra, que também constituem um conjunto significativo⁷. De início, a escolha cromática parece curiosa: as folhas apresentam a cor bege clara do papel, o azul claro da pasta, bem como as cores cinza e rosa claro utilizadas no fundo de algumas das páginas. Essa combinação de cores com baixo contraste (todas são claras e pouco saturadas) produz um certo efeito de sentido de suavidade, o que já nos faz questionar: seria esse um verdadeiro inquérito policial, um documento oficial? Em relação à categoria eidética, vemos um contraste entre várias formas geométricas e retilíneas (presentes nos formatos dos papéis, nos fios utilizados nos cabeçalhos, no papel quadriculado, no adesivo da capa etc.) e outras formas mais orgânicas e curvilíneas (como as marcações manuais riscando as páginas “em branco”, as assinaturas dos documentos, anotações pessoais nas margens etc.). Essas marcas feitas à mão mostram que os documentos passaram por processos de verificação, atestando o dizer verdadeiro das peças “documentais” e contribuindo para a dinâmica entre os efeitos de sentido de veracidade e de ficção que perpassa a obra. Uma categoria importante na organização da visualidade em *Inquérito Policial* é a oposição topológica central *versus* periférico, que rege o posicionamento dos elementos nas superfícies visíveis. Enquanto na centralidade das páginas estão os elementos dos blocos de texto principais, com margem generosa à direita e à esquerda, nas extremidades das páginas estão os elementos que são justamente aqueles que validam os documentos, construindo um efeito de sentido de verdade: o brasão nacional (no topo das páginas), as assinaturas e carimbos (na parte inferior), as anotações feitas à mão (geralmente no topo e no pé das páginas), o grampo metálico e as furações na lateral esquerda.

A visualidade da obra, em seu plano do conteúdo, apresenta diversas figuras reconhecíveis que organizamos em dois grupos temáticos: o das instituições com sua burocracia e o da atividade criativa. No primeiro tema (instituição e burocracia), encontramos figuras como: brasão nacional (Armas Nacionais do Brasil), adesivos, assinaturas, riscos diagonais assinalando as páginas “em branco”, *boxes* (caixas de texto), carimbos etc. Já no segundo tema (atividade criativa), encontramos anotações feitas à mão, o cartaz de um evento, uma carta manuscrita, um desenho de moda feito na técnica de colagem e ornamentos florais em um papel de carta.

⁷ Na análise do plano da expressão visual, partimos da sua estruturação nas categorias cromática (cores), eidética (formas) e topológica (distribuição). Uma síntese dessa abordagem plástica da visualidade pode ser encontrada no estudo “As semioses pictóricas”, de Ana Claudia de Oliveira (2004).

Na semiótica verbal, vemos esses mesmos dois temas surgirem na escrita da obra, porém apresentando certas figuras específicas do modo verbal. Assim, na escrita da obra, são usadas certas expressões que concretizam o tema da burocracia e da institucionalidade: delegado, inquérito, delegacia, serviço público, Polícia Federal, crime, denúncia, código penal, declarações, tradução juramentada, cartas, e-mails, projeto, universidade, protocolos etc. Já outros vocábulos concretizam o tema da criação artística: crise criativa, editora, ficção, cinema, documentário, projeto artístico, museu, moda, desenhos etc. Na expressão da semiótica verbal, a técnica da repetição (*versus* diferença) é explorada recorrentemente ao longo da obra, que repete as palavras dos cabeçalhos e das assinaturas dos documentos, bem como certas formulações da escrita oficial, o que enfatiza essa construção de aparência de um dossiê de documentos, validando-o.

No nível narrativo, como já havíamos apontado, o principal programa narrativo é aquele da própria investigação empreendida pelo delegado de polícia responsável pelo inquérito. Essa investigação é completamente marcada pela intencionalidade e, assim, pode ser apresentada conforme o esquema narrativo canônico:

$$S_1 \text{ Ricardo Lísias} \rightarrow (S_2 \text{ Delegado José Adélcio} \cap O_V \text{ justiça, verdade})$$

O esquema pode ser assim entendido: Ricardo Lísias solicita uma investigação para esclarecer a falsa denúncia de que havia sido vítima, levando o delegado responsável a dever resolver o caso, para alcançar seu objeto de valor na narrativa, a saber, a verdade e a justiça. No entanto, existe um programa narrativo anterior a esse, que descobrimos logo nas primeiras páginas do volume. Ele pode ser sintetizado da seguinte maneira:

$$S_1 \text{ Editores da Lote 42} \rightarrow (S_2 \text{ Ricardo Lísias} \cap O_V \text{ criatividade})$$

A trama é a de que o escritor Ricardo Lísias estaria preparando um livro a ser publicado pela editora Lote 42, uma espécie de continuação de *Delegado Tobias*, porém dessa vez focada na família do delegado (mais especificamente, em seus três sobrinhos). No entanto, o autor estaria passando por uma crise criativa e não conseguiria terminar a obra, preocupando os editores Thiago Blumenthal, Cecilia Arbolave e João Varella. Os três teriam assim cometido a falsa denúncia, esperando que o choque fizesse o escritor encontrar novamente a criatividade, superando sua crise e estando assim apto a terminar o livro em andamento.

Para esclarecer essa trama e responder à solicitação da investigação, o delegado José Adélcio organiza o dossiê que o leitor tem nas mãos, juntando as informações necessárias (ou seja, competencializando-se na modalidade do saber) por meio de entrevistas e documentos,

visando acusar os três editores. Cada um dos documentos anexados ao dossiê constitui assim um programa de uso do nível narrativo, contribuindo para a resolução do inquérito (programa narrativo de base). Oito documentos são anexados em ordem: (1) página de expediente do livro; (2) diálogo em aplicativo de mensagens entre os três editores; (3) notícia sobre o desempenho mercadológico da editora; (4) e-mail do editor Thiago Blumenthal para Ricardo Lísias; (5) árvore genealógica da família Tobias; (6) correspondências e rascunho do projeto de mestrado de João Tobias (documentarista); (7) correspondências e rascunhos de projeto artístico de Fernando Tobias (artista); (8) correspondências e projeto de mestrado de Mariana Tobias (designer de moda). Os quatro últimos anexos, que tratam dos três sobrinhos de Paulo Tobias, são incluídos no dossiê como prova de que Lísias estaria preparando uma obra sobre a família e que, portanto, os editores da Lote 42 teriam motivos para impeli-lo a concluir a produção.

No final da obra, entretanto, o delegado conclui que a denúncia e as infrações ocorreram apenas na ficção e, assim, decide arquivar o caso. Em suas palavras: “essa autoridade policial conclui que ela própria também só existe no ambiente da ficção, o que a desobriga dos protocolos de praxe.” (LÍSIAS, 2016).

Em seu nível fundamental, a semiose verbal do livro se constrói ao redor da oposição semântica /parecer/ *versus* /ser/. A dinâmica entre ficção e fato, aparência e realidade é discutida a todo momento na obra. A suposta obra literária que estava sendo desenvolvida por Ricardo Lísias, justamente sobre os três sobrinhos criativos de Paulo Tobias – um deles cineasta, outro artista e a terceira designer de moda – está no interior do livro (tanto fisicamente quanto narrativamente), sendo que essa atividade de criação é envelopada pela estrutura rígida e burocrática do falso processo investigativo. Ou seja, o ser criativo é envelopado pelo parecer burocrático. Ser e parecer são, assim, dois valores que se localizam na base da construção do sentido do texto.

Um modo bastante evidente como se dá a relação entre as semióticas espacial e verbal nessa obra é justamente através do papel que as dimensões dos documentos exercem na organização da leitura (fig. 6). O livro começa e termina com o suporte da pasta rígida e com documentos em formato tamanho A4, ou seja, um formato padronizado usado em muitas instituições no Brasil e no mundo. Esses documentos iniciais e finais tratam principalmente do programa narrativo de base da obra (a investigação empreendida pelo delegado), bem como do programa narrativo subjacente que é o do complô planejado pelos editores da Lote 42 contra o escritor. Já os demais formatos, alguns bastante incomuns, estão localizados na parte central

da publicação e contêm os programas de uso dessa investigação: mais especificamente, são focados nos estudos de Ricardo Lísias para a escrita de sua obra sobre a família Tobias. Assim, um formante da dimensão espacial organiza, na relação entre linguagens, os programas narrativos da dimensão verbal da obra.

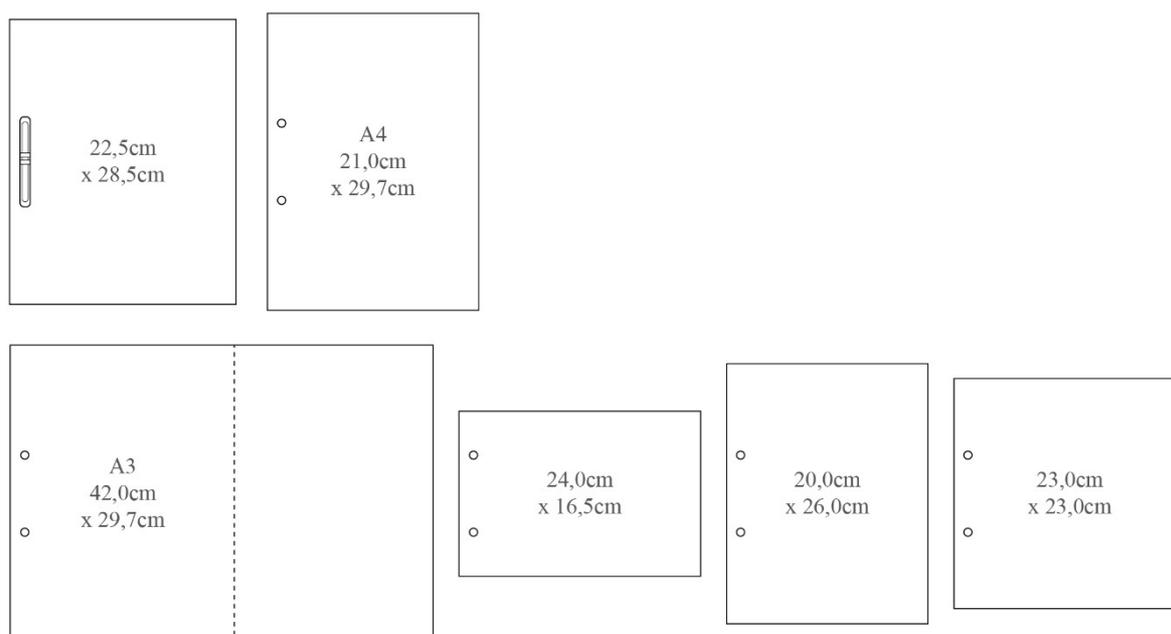


FIGURA 6 – Diferentes formatos de papéis utilizados na obra.
FONTE – O AUTOR.

De maneira geral, podemos encontrar uma estruturação única de produção de sentido na dinâmica entre as três semióticas do livro – espacial, visual gráfica e verbal escrita. Essa estrutura única mostra-nos que o livro é resultado de uma intencionalidade enunciativa coesa, o que Jean-Marie Floch denominava a “enunciação global” do texto em suas análises de manifestações sincréticas. Para nosso estudo, organizamos essas relações sinteticamente em um único esquema visual que mostra as homologações entre sistemas (fig. 7), à maneira do estudo de sincretismo na publicidade empreendido por Floch (2009).

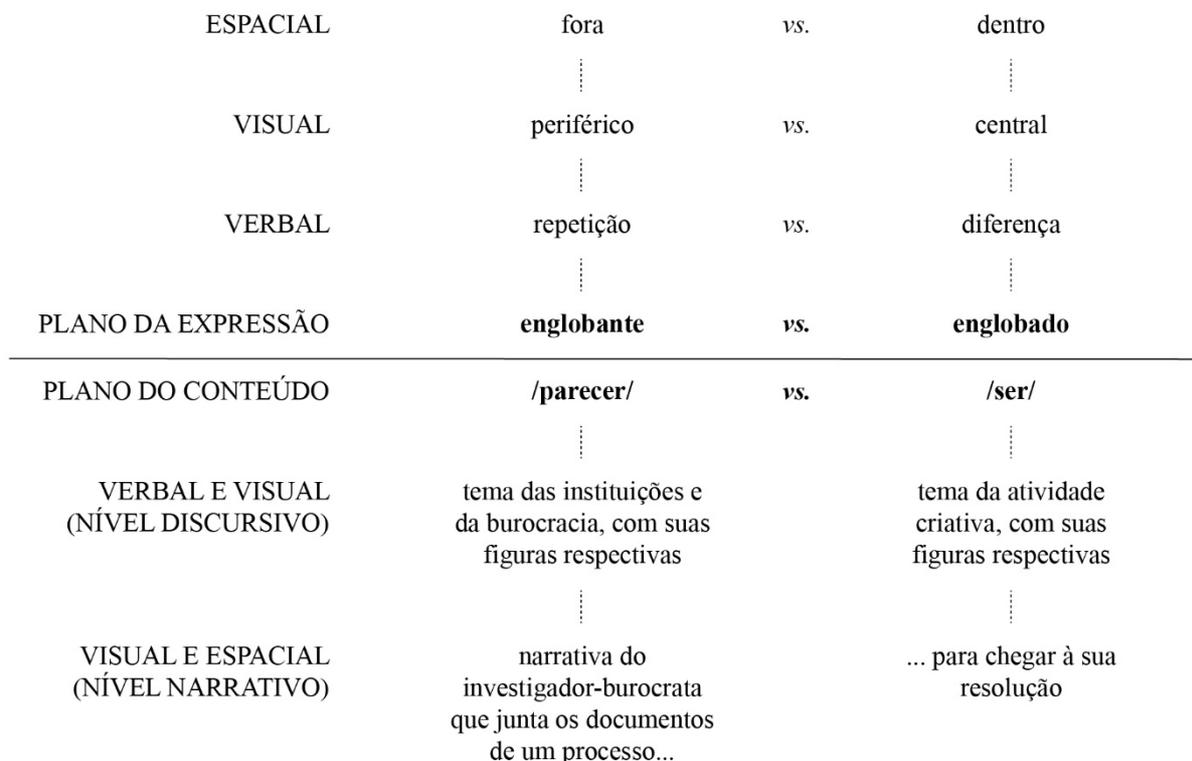


FIGURA 7 – Esquema-síntese das operações de sincretismo em *Inquérito Policial: Família Tobias*.
 FONTE – O AUTOR.

O esquema é constituído por uma oposição semântica de base, */parecer/ vs. /ser/*, a qual é homologada na expressão por uma categoria geral que identificamos como *englobante vs. englobado*. Essa categoria geral da expressão é construída em cada semióse articulada na obra como uma oposição específica de cada linguagem. Assim, na semiótica verbal, a estrutura da escrita assume a repetição de certos elementos (construindo a aparência de inquérito) *versus* a diferença dos elementos que vão mudando a cada documento (ou seja, cada relato diferente englobado nesse processo burocrático); na distribuição topológica da semiótica visual, os elementos periféricos na página (carimbos, assinaturas, cabeçalhos etc.) são os que constroem o efeito de sentido de parecer a documentação de uma verdadeira investigação, opondo-se aos elementos localizados na centralidade da página; na semiótica espacial, os elementos de fora (pasta, grampo metálico e folhas em formato A4) são os que homologamos à aparência de um inquérito policial, opondo-se às folhas de formatos variados que estão dentro dessa estrutura.

Há assim uma homologação entre categorias da expressão em cada uma das linguagens e uma categoria do conteúdo que está na base da construção do sentido da obra, o que resulta em uma relação de semissimbolismo na publicação⁸.

A oposição de base, de ordem abstrata, ganha concretude nas figuras relativas aos temas das instituições e sua burocracia, de um lado, e da atividade criativa, de outro, encontradas sobretudo no nível discursivo das semióticas visual gráfica e verbal escrita. Em um patamar intermediário entre abstração e concretude, a passagem entre o /parecer/ e o /ser/ é narrativizada nas semióticas visual e espacial como a história de um investigador-burocrata que vai juntando diversos documentos até chegar à resolução do inquérito.

Vemos assim que as relações entre semióticas sincretizadas em *Inquérito Policial: Família Tobias* assumem tanto uma função de organização da leitura da obra (na relação entre os formatos e a natureza dos documentos agrupados) quanto uma rede de homologações entre expressão e conteúdo, conferindo um sentido coeso ao objeto literário.

5. Conclusão: por uma tipologia dos modos de intersemiotividade

O conjunto das relações entre linguagens encontradas na obra estudada pode ser esquematizado em uma imagem única (fig. 8). Os tipos de relações, como havíamos apontado, estão organizados sob dois modos principais: aquele que se dá entre manifestações distintas *versus* aquele que se dá entre semióticas sincretizadas em uma única unidade de manifestação. No esquema, as intersemiotividades entre o e-book *Delegado Tobias*, o discurso midiático, os inquéritos policiais e o livro *Inquérito Policial: Família Tobias* são justamente as que identificamos como relações intersemióticas discretizadas, enquanto as relações que se dão no interior do próprio livro entre a semiótica espacial, a visual gráfica e a verbal escrita são as que identificamos como relações intersemióticas sincretizadas.

⁸ O semissimbolismo pode ser entendido como a correspondência entre uma categoria do plano da expressão e uma categoria do plano do conteúdo. A noção foi desenvolvida sobretudo nos estudos de semiótica visual por Jean-Marie Floch, especialmente no primeiro capítulo de *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit. Pour une sémiotique plastique* (FLOCH, 1985).

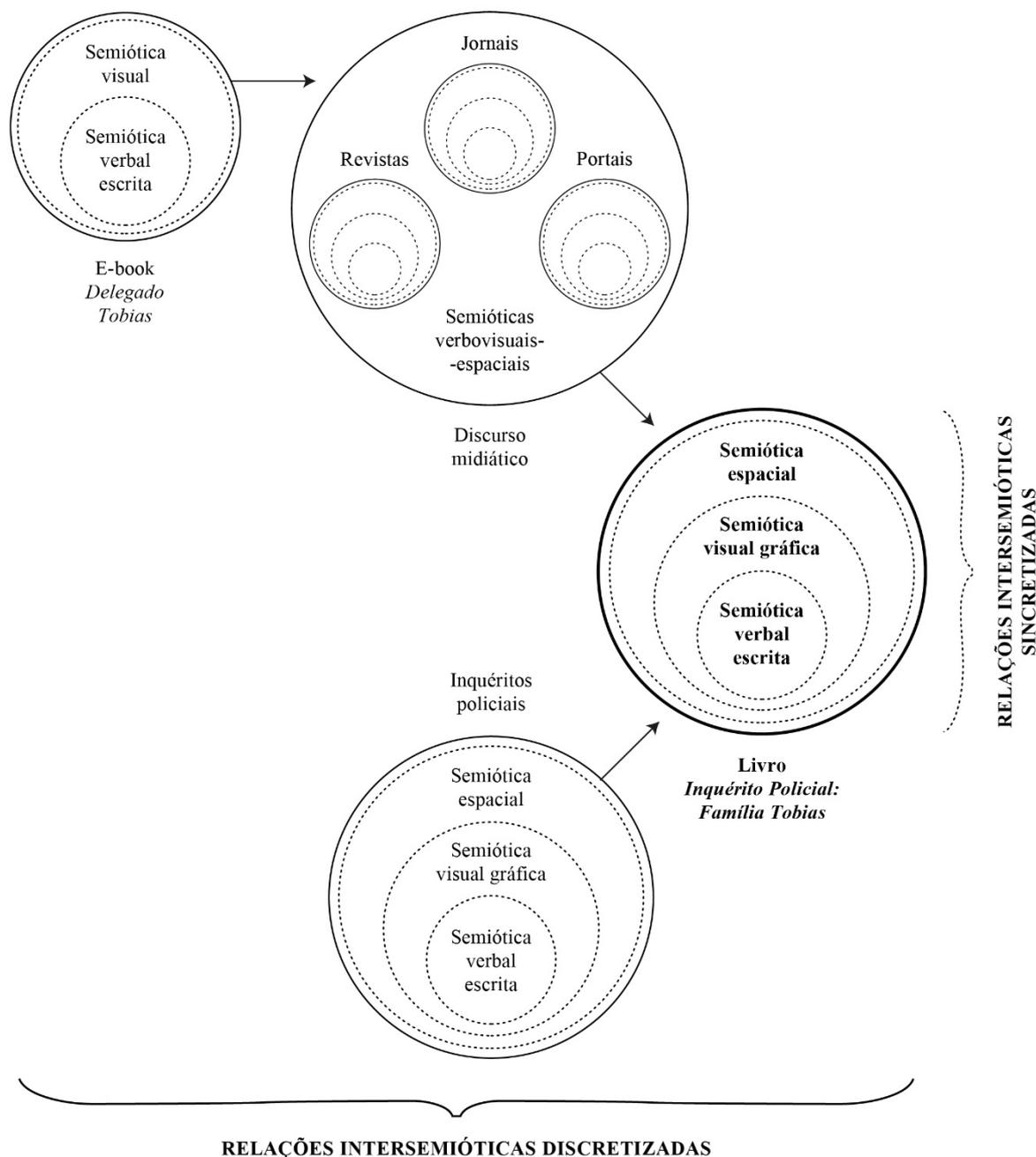


FIGURA 8 – Esquema das relações intersemióticas.
 FONTE – O AUTOR.

No primeiro tipo, encontramos uma vasta gama de fenômenos que já foram estudados na Comunicação e na Semiótica sob nomes como “tradução”, “adaptação”, “transposição”, “contaminação” etc. No caso de *Inquérito Policial*, eles se dão de duas maneiras: primeiramente, personagens e etapas de programas narrativos provenientes do plano do

conteúdo do e-book *Delegado Tobias* e do conjunto de discursos midiáticos são incorporados nos níveis narrativo e discursivo do objeto literário. Já em seu plano da expressão, a obra publicada pela Lote 42 retoma elementos da expressão de inquéritos policiais existentes no mundo, em um processo de contaminação ou mimesis desse tipo de linguagem sincrética.

No segundo tipo de relação intersemiótica, estão as relações internas a uma mesma unidade de manifestação, as quais já foram estudadas por pesquisadores enquanto “sincretismo de linguagem”, “tradução intracódigo”, “polissemióticas”, “multimodalidade” etc. Em *Inquérito Policial*, essas relações montam o semissimbolismo da obra, homologando expressão e conteúdo, além de organizarem a leitura em partições bem demarcadas.

No caso das relações intersemióticas sincréticas, já existem modelos analíticos explicativos bem desenvolvidos. É o caso, por exemplo, da própria estrutura de homologações entre expressão e conteúdo que utilizava Jean-Marie Floch em suas análises, ou ainda a tipologia dos modos de sincretismo conforme as relações entre os traços sensíveis desenvolvida por Ana Claudia de Oliveira (2009). Segundo a tipologia de Oliveira, por exemplo, a dinâmica entre os traços sensíveis que encontramos em *Inquérito Policial: Família Tobias* montaria prioritariamente um sincretismo por união ou concatenação, em que “os sentidos distintos são chamados para sentir em relação de reciprocidade as grandezas significantes em um transitar de um para outro em seus encadeamentos conexos” (OLIVEIRA, 2009, p. 102).

Quanto às intersemioticidades discretizadas, há algumas tentativas de criação de tipologias já empreendidas por outros teóricos, mas que se mostraram insuficientes para analisar esse objeto literário de que tentamos dar conta. Vejamos dois desses modelos. A tipologia desenvolvida por Sémir Badir (2013), por exemplo, é restrita ao plano do conteúdo, não dando conta de relações estabelecidas entre a expressão de duas linguagens distintas; ora, a relação de mimesis que encontramos entre as semióticas dos inquéritos policiais e a do livro *Inquérito Policial: Família Tobias* se dá justamente no plano da expressão, por uma semelhança entre os formantes de uma e outra semiótica. Já a tipologia de embasamento peirceano de Julio Plaza (1987) é voltada para o fenômeno da tradução, ou seja, para os casos em que se mantém um mesmo projeto enunciativo entre a obra de partida e a de chegada⁹, não sendo focada assim em relações que se assemelham muito mais a uma sequência ou desdobramento de uma obra em outra; no caso de *Inquérito Policial*, a relação entre o e-book

⁹ Seguimos aqui a acepção de Renata Mancini de que, em uma tradução, “o que se traduz é o projeto enunciativo de uma obra” (MANCINI, 2018, p. 24).

e as matérias veiculadas na mídia com o livro impresso editado pela Lote 42 é quase a de uma continuidade das narrativas, mais do que a tradução de uma mesma trama de um suporte para outro.

Assim, se já temos modelos teóricos para analisar as relações sincretizadas, percebemos com nosso estudo a necessidade de desenvolvimento de uma tipologia das intersemiotidades entre unidades de manifestação discretas. Uma categorização assim ampla dos modos de intersemiotidade auxiliaria pesquisadores tanto da Comunicação quanto da Semiótica em suas análises futuras, para que estejam melhor preparados teoricamente para lidarem com a multiplicidade das manifestações midiáticas contemporâneas que se constroem através de relações entre linguagens. Esperamos, com nossa análise, ter avançado mais um curto passo nessa longa caminhada investigativa.

Referências

- BADIR, Sémir. Les intersémiotiques. **Estudos Semióticos**. Editores responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. V. 9, N. 1, São Paulo, p. 1–12, 2013.
- BRACCHI, Daniela Nery. Fotografia contemporânea e intersemioticidade. **Estudos Semióticos**, v. 7, n. 2. Editores responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. São Paulo, p. 44–51, 2011.
- CAETANO, Kati. A propósito de um sincretismo intermediário. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia (Orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 247-265.
- FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologies de l'œil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique**. Paris-Amsterdã: Hadès-Benjamins, 1985.
- FLOCH, Jean-Marie. Semiótica plástica e linguagem publicitária: análise de um anúncio da campanha de lançamento do cigarro “News”. Tradução José Luiz Fiorin. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia (Orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, p. 145-167, 2009.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Semiótica figurativa e semiótica plástica. Tradução I. Assis Silva. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de (Org.). **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker Editores, p. 75-96, 2004.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. Vários tradutores. São Paulo: Contexto, 2011.
- LANDOWSKI, Eric. Intersémioticit . In: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Sémiotique: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Tome 2: compl ments, d bats, propositions**. Paris: Hachette, p. 119, 1986.
- LÍSIAS, Ricardo. **Delegado Tobias**. 5 volumes. E-book. Editora e-Galáxia, 2014.
- LÍSIAS, Ricardo. **Inquerito Policial: Família Tobias**. São Paulo: Lote 42, 2016.
- LOTE 42. **Inquerito Policial**. 2016. Disponível em: <<http://www.lote42.com.br/inqueritopolicial/>>. Acesso em: 18 fev. 2020.
- MANCINI, Renata. Sem Greimas, com Greimas, após Greimas, cem Greimas. **Estudos Semióticos**, v. 14, n. 1 (edi o especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, p. 22–27, 2018.
- OLIVEIRA, Ana Claudia de. As semioses pictóricas. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de (Org.). **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker, p. 115-158, 2004.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. A plástica sensível da expressão sincrética e enunciação global. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; TEIXEIRA, Lucia (Orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, p. 79-140, 2009.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. A estética intersemiótica de Alexandre Orion. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.21, n.1, p. 315-339, 2018.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

RODRIGUES, Maria Fernanda. Ricardo Lísias leva inquérito policial ao teatro e prepara livro. **O Estado de S. Paulo**, 13 fev. 2016. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,ricardo-lisias-leva-inquerito-policial-ao-teatro-e-prepara-livro,10000016118>>. Acesso em: 20 fev. 2020.